

Maria Pulquéria S. Pestana

DADOS BIOGRÁFICOS

Maria Pulquéria S. Pestana, era natural da freguesia de Câmara de Lobos, onde nasceu a 7 de Julho de 1880, tendo falecido em Câmara de Lobos, na residência que fora de Joaquim Pestana, onde se residia.

Era filha de Sebastião Pestana e de D. Constantina Angélica Pestana.

Pertenceu a uma família de importantes escritores e poetas camaralobenses, como Joaquim Pestana, Dr. Eduardo Antonino Pestana e Sebastião Abel Pestana.

Apesar de ter como habilitações literárias a terceira classe, tinha, segundo Sebastião Abel Pestana *notabilíssimas capacidades de inteligência e muita vocação para as letras*. Ainda segundo Sebastião Abel Pestana, em poesia, teria produções não de todo deficientes.

Colaborou no Diário da Madeira e no Almanaque de Lembranças Madeirenses ¹.

¹ Marino, Luis. Musa Insular.

SAUDADES ²

(À minha amiga D. Maria Thereza Pereira)

Saudades fundas eu tenho
Fechadas no peito meu:
Tenho saudades da lua,
Tenho saudades do céu.

Quando da tarde ao crepusc'lo,
Ao balcão me ia sentar,
Contemplava o céu d'anil,
A branca espuma do mar.

Então, suave se ouvia
Da ermida o sino tanger,
Lembrando a todos os vivos
Que ia o dia a fenecer.

Ò tarde de primavera,
Quem não te aspira gozar
N'um jardim, por entre as flôres,
Ou na praia, à beira-mar?!...

As horas magas da tarde
São para mim de amargura:
Lembram-me os pobres, vivendo,
E os que estão na sepultura.

.....

Saudades fundas eu tenho
Fechadas no peito meu:
Tenho saudades da lua,
Tenho saudades do céu.

Maria Pulcheria S. Pestana

Câmara de Lobos, 20 de Abril de 1910

² Almanach de Lembranças Madeirense para o ano de 1911, Funchal, 1911, pág 184.

SÁBADO SANTO

Ao meu caro sobrinho Eduardo Antonino Pestana

Há dias não via, do alto da torre
Com voz gemebunda o sino a tocar;
Só via de crepes a Igreja vestida,
Só ouvia soluços, amargo chorar.

Findaram os prantos: há risos nos lares
Resoam nos ares anúncios de festa
Porfiam os sinos tocando Trindades;
Que lindos festejos, às horas da sesta!

Os campos roucam de flóreos matizes;
A lua no empireo já surge mais pura;
As flores exalam perfumes suaves,
E o canto das aves nos diz: há ventura!

Já veste de galas a Mãe carinhosa,
A Ela os filhinhos já correm sem pranto;
Por toda a Natura se ouve: «aleluia»
Só reina alegria no Sábado Santo.

SAUDADES

Saudades fundas eu tenho
Fechadas no peito meu:
—Tenho saudades da lua
Tenho saudades do Céu.

De quando, à tarde, ao crepúsculo,
Ao balcão me ia sentar.
Contemplando o Céu anil
E a branca espuma do mar.

Então suave se ouvia,
Da ermida o sino tanger,
Dizendo a todos os vivos
Que ia o dia a fenecer.

Oh tardes de primavera,
Que não te aspira gozar,
Num jardim, por entre flores,
Ou na praia à beira-mar?!...

As horas magas da tarde,
São para mim de amargura,
Lembra-me os pobres, vivendo,
E os que estão na sepultura.

Saudades fundas eu tenho
Fechadas no peito meu:
—Tenho saudades da lua,
Tenho saudades do Céu!

SONETILHO

Sentada à beira-mar,
Meditava em solidão,
Sentindo no coração
Uma tristeza sem par.

A onda falar-me vinha
Num plangente soluçar,
Já não via, pelo ar,
As asas duma andorinha.

A triteza que eu sentia
E no mar se reflectia,
É que iam terminar.

Tardes de tanta magia,
Noites de tanta alegria,
Passadas à beira-mar!